



Manifesto dos Povos de Terreiro e de Tradição de Matriz Africana e suas relações com a natureza.

“Pa We, Pa Orisa” (Matou a Folha, Matou o Orisá)

A relação dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana com a natureza, é vital para a prática e preservação da tradição desse segmento. E o rompimento da barragem do fundão, em Brumadinho descortina uma triste realidade do racismo institucional contra esses povos: a invisibilidade em seus direitos!!! É como se não existisse ao longo de toda a calha do Paraopeba nossas tradições e práticas religiosas e culturais, práticas estas ancestrais.

Perdemos vidas humanas, perdemos a vida natural, se matou um rio, se matou as árvores, mataram Orixás. Mataram nossos direitos inalienáveis às nossas práticas seculares e tradicionais. Enquanto isso, estamos totalmente inviabilizados em nossos direitos. A Vale e a justiça agem como se não existimos, como se nunca estivéssemos ali, com nossas práticas, nossas tradições e nossas formas de culto e relação com a natureza. Mas não mais nos calaremos, exigimos respeito as nossas práticas religiosas e formas de vida. Não mais aceitaremos a reprodução do racismo estrutural e estruturante destas relações de negação de nosso sagrado e de nossa vida.

Não há como negar os danos materiais e imateriais perpetrados contra nossa tradição, danos esses irreversíveis para as vidas ceifadas pela lama e para a natureza destruída de forma inexorável. Mas o racismo estrutural nas suas diversas formas de manifestação, mantém a negação de que sempre estivemos por ali, ao longo de toda a calha do Paraopeba, ainda que na forma do silêncio



e da omissão. Há ao longo da calha do Paraopeba, mais de 100 comunidades tradicionais de matriz africana em suas mais diversas formas de apresentação. Sejam estas em formatos de templos de Umbanda, Candomblé, Omolocô e reinados de congado, comunidade benzedeira. Todas partes da Tradição de Matriz Africana, que têm suas próprias formas de organização e contexto. E o que temos visto é que nos processos de debates e de discussões acerca das populações estabelecidas ao longo da calha do Paraopeba, estas comunidades não têm sido consideradas como existentes e ocupantes de espaços nesta, e portanto, como passíveis de terem sofrido grandes perdas materiais e imateriais provocados pelo rompimento da barragem. Essa dimensão da matriz africana, de constituição de nosso povo está sendo apartada das demais, situação de nítido racismo estrutural que visa definir quais dimensões são aceitas ou não! É uma população que tem sua integridade física ameaçada pela intolerância, sua condição psíquica sempre em pressão constante por defesa de sua aceitação social e direito de manifestação do seu modo de viver.

Espaço sagrado, para nós é onde nos organizamos e rezamos, cantamos e comemos, celebramos e reverenciamos um modo particular de ver e viver a vida. Nossos espaços encerram em si formas e modos de se ver e de viver a concepção de matriz africana e toda sua cosmovisão; onde a prática religiosa é o reflexo de um modo próprio de ver o mundo e suas relações que se estendem para um todo, ainda que dicotomizado em função de uma realidade histórica que tem na colonização e na escravidão de homens e mulheres arrancados do continente africano sua principal causa e efeito.

As diversidades encontradas no período colonialista e escravocrata em nosso país nos forjaram e nos legaram essa forma toda nossa de cultuar o sagrado. Se, na África, havia os rios sagrados, as florestas encantadas, nas escuras e fétidas senzalas, a prática religiosa dos escravizados teve que se adaptar para



continuar a existir. Para nós, praticantes dessa religião ancestral e milenar, a relação com a natureza e o que ela encerra é a nossa garantia de vida. O que para muitos pode parecer sem nexos, banal, excentricidade, para nós significa a integração entre o homem e o sagrado. De uma folha, de um pote com água, de uma imposição das mãos, retiramos uma lição, uma saudação, uma bênção. Somos diferentes sim; todos nós o somos em nossa humanidade única, própria de filho dileto de um ser superior. O que nos diferencia é a forma de louvar, de rezar, de encarar e de perceber o outro como um todo, o que não dá direito a quem quer que seja de nos discriminar.

A cosmovisão de matriz africana, traz consigo modos e formas de lidar com o sagrado a partir da natureza, nossos ancestrais divinizados são representados por elementos da natureza, o rio, as pedras, o mar, as matas; todo ecossistema é para nós parte de nosso sagrado. Sem folha não existe Orixá, Nkisse, Vodum, encantado. Para a tradição de matriz africana, é fato, que se matar uma folha, se mata um orixá. O rompimento da Barragem do Fundão, trouxe morte de vidas humanas, de um rio e todo um ecossistema ao longo da calha do rio Paraopeba. Com estas mortes vieram também as perdas imateriais de toda uma subjetividade. O Rio morada de Oxum, de Dandalunda, que traz consigo a fertilidade e vida, deixou de existir e com ele levou o sentido de se refazer que só a água nos traz. Em suas margens, onde antes morava Oxosse, Catendê, Logum, hoje é natureza morta. O que nos tira a possibilidade de nossas práticas religiosas agroecológicas. Nossa fé que se manifesta de forma coletiva, perdeu e precisará ser ressignificada, pois onde antes havia vida e portanto, formas de manifestar nosso sagrado na exuberância da natureza, hoje há desalento e falta de esperança produzida pela lama e irresponsabilidade. Nosso povo de tradição, que carrega consigo saberes acumulados em séculos de relação diaspórica, é um povo que faz da folha, da água, do ar uma forma agroecológica de rezar e porque não de louvar a natureza e a vida. Nesses espaços, as vezes não



compreendidos enquanto espaços sagrados, há toda uma forma de cuidado, onde os fogões quando não estão preparando alimentos para servirem aos que ali estão para comer, estão aquecidos com banhos, que alimentam a subjetividade de cada um.

A deterioração e a inviabilização das relações com o rio, com as plantas e todo o bioma até então existente causaram prejuízos incalculáveis materiais e imateriais a nossa tradição. Por isso, nos sentimos mercedores de identificação, reconhecimento e tratamento junto aos sujeitos que os reivindicam, sejam nossos Terreiros de Candomblé, Umbanda, Jurema, Omolocô, Catimbó, Guardas de Congo, espaços de rezas e benzeções e tantas outras denominações dadas as nossas tradições, que sempre estiveram ali em contato direto com a natureza. Não podemos e não vamos correr o risco da invisibilidade provocado pelo racismo religioso, quando se trata das discussões e construção de laudos contendo propostas de reparação construídos por assessorias Técnicas Independentes pela UFMG. É preciso fazer constar nos mesmos que nós da Tradição de Matriz Africana, também sofremos e muito os danos irreparáveis provocados pelo rompimento da Barragem do Fundão, o que até então não existe, danos materiais e imateriais, o que até então não consta desses laudos. Além de que é preciso fazer constar estas tradições no acordo que está sendo construído entre a Vale e o Governo de Estado de MG. Para tanto é preciso que se tenha consultores de notório saber e experiência sobre a tradição de matriz africana para que se proceda o levantamento dos danos materiais e imateriais sofridos pelas comunidades tradicionais, o levantamento desses espaços exigirá da equipe cuidado e metodologias próprias. É necessário identificar, caracterizar, dimensionar e mensurar os danos causados aos modos de vida, fazeres religiosos, liturgias, crenças e memória dos praticantes de religiões de matriz africana.



CENTRO NACIONAL DE AFRICANIDADE E RESISTÊNCIA AFRO-BRASILEIRO – CENARAB
FILIADO À CONEN
CNPJ 23.830.941/0001-58
cenarab@yahoo.com.br

Makota Célia Gonçalves Souza
Coordenadora Geral do CENARAB